

PURUTUIA

Teatro-Dança Nativo

O coração da humanidade está acelerado. E isto vem acontecendo desde o início desta era. O coração do mundo continua a bater... calmamente... mas sente o descompasso ... e reage.

A velocidade, a exploração, a valorização do pensamento, a hegemonia da informação, a sede de poder e a imensa curiosidade levaram a humanidade às experiências das grandes descobertas.

Mesmo estando em território novo há 500 anos, o homem ainda não percebeu que, nas Américas, o coração do mundo vibra em sua pulsação original. Os nativos destas novas terras mantêm sua comunicação com os Elementos, com toda a Natureza, com as possibilidades intuitivas e criativas do Ser Humano.

E, apesar do imenso sufocar a que foi submetido, o povo destas terras ainda vive "in-dio". Os índios, homens, mulheres e crianças, que ainda vibram em comunhão com o coração do mundo, integrados à Terra e seus espíritos, se unem e se expressam artisticamente para toda a humanidade. A bruta-flor das Américas desabrocha.

Primeiros Passos

Depois de conviver com vários grupos indígenas brasileiros do Mato Grosso e Rondônia, fazendo uma pesquisa de gestualidade e mitologia, acabei sendo convidada para fazer a preparação corporal, gestualidade e coreografia indígenas do filme "At Playing in the Fields of the Lord" ("Brincando nos Campos do Senhor"), dirigido por Hector Babenko, em 1990. Neste trabalho, convivendo com parentes de várias tribos e trabalhando criativamente, acabei aprofundando e ampliando minha visão do Universo Indígena. Aproveitando o fato de estarmos juntos, convidei três companheiros para criarmos um espetáculo de Teatro-Dança: Samuel Karajá, João Terena e Carlos Xavante. Fizemos uma sequência inicial das ideias que consideramos mais significativas para tornar mais conhecido e profundo o Universo Indígena Brasileiro, buscando mostrar tanto as questões comuns como a diversidade entre os povos (costumes, mitologia, relação com a Natureza, grau de contato com a sociedade envolvente, conflitos internos, entre tribais e com o mundo exterior, ensinamentos). Procuramos então dar os primeiros passos para a realização do Projeto, e fomos abençoados com o apoio, estímulo e parceria de Jorge Terena, conhecedor profundo e militante ativo do Universo Indígena, das Comunidades Indígenas e da Política Indigenista, incansável batalhador pelo direito indígena e atual consultor para Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura. Só mais tarde, dando início aos preparativos efetivos para produzir o evento é que logrei engendrar artisticamente o roteiro intitulado "PURUTUIA". Durante estes anos fomos aperfeiçoando o Projeto, mas agora o processo se mostrou adequado e maduro o suficiente para sair a público.

O grande salto aconteceu em Novo México, nos Estados Unidos, em contato com índios norte-americanos e criadores da região de Taos, especialmente Marjorie Malone, coreógrafa e bailarina com atuação no mesmo campo de pesquisa, com experiência em gestualidade nativa, asiática e africana. Diante do impacto de perceber uma realidade indígena bastante diversa da brasileira, acrescido de imensa troca artística e incentivos de Marjorie Malone, percebi a urgência e importância de se criar, não só um espetáculo, mas um grupo de Teatro-Dança Nativo, juntando nossas forças no Projeto "PURUTUIA".

Julia Pascale
Idealizadora e Diretora

Objetivos

"A evolução humana avançou depressa demais; seus processos tornaram-se por demais complicados para seu próprio bem. Mas é possível simplificá-los. A consciência pode ser voltada para dentro, para a compreensão dos processos vitais e dos movimentos da evolução. O principal inimigo da vida não é a morte, mas o esquecimento..."(Colin Wilson).

A cultura do povo brasileiro, especialmente a indígena, está, ainda num estado bastante favorável de originalidade e autenticidade. É de extrema importância que este conhecimento original seja valorizado e divulgado por todos os meios de que dispusermos e a Arte é um dos mais fortes, ricos e transformadores meios de absorção e transmissão de grandes ensinamentos. O Homem do Terceiro Mundo saiu do seu "estado original" há bem pouco tempo. Por isso, se torna possível a relembração, o retocar. A arte é o espaço deste ato e o Teatro muito próprio, por lidar com a comunicação orgânica dos polos transmissor e receptor. Nosso objetivo é realizar um espetáculo de Teatro-Dança com atores-músicos-bailarinos índios, que revele o poder de criatividade e expressão das comunidades indígenas brasileiras. Índios de várias tribos e seus descendentes se reúnem com a intenção de divulgar sua cultura, pesquisando e criando sua própria linguagem artística. Assim, pretendemos criar um grupo de Teatro-Dança Nativo itinerante. Este grupo contará com participantes das comunidades indígenas das regiões Norte e Centro-Oeste. Faremos ensaios e laboratórios, tomando como base o roteiro em questão.

O trabalho pretende mostrar ao público que as comunidades indígenas resistem e são exemplos vivos de que os Seres Humanos podem ainda reativar sua integração com a Natureza, o Cosmo e os Elementos. Escolhemos o Teatro como meio de transmissão e exercício desta sabedoria por considerá-lo uma linguagem apropriada para lidar com os signos da cultura indígena. Esta cultura traz em seu bojo as linguagens gestual e oral como formas de transmissão e o Teatro se torna um espaço mater para acolher e transformar estes signos. Poder-se-á entrar em contato com a arte da música e da dança indígenas, com o cotidiano do Ser Humano em relação direta com as plantas, os animais e os fenômenos naturais, com a diversidade cultural, com histórias, mitos e rituais indígenas e, principalmente, com a espiritualidade humana.

"PURUTUIA" apresentará conceitos e valores que podem complementar o "olhar a vida e vivê-la" do Homem Ocidental:

- . Criatividade na maneira de viver;
- . Domínio do fazer diversificado e complementar;
- . Conhecimento, aproveitamento e preservação dos materiais que a Natureza fornece;
 - . Integração da energia interior do Ser Humano com a Natureza e com seus semelhantes;
 - . Descontração e espontaneidade;
 - . Conhecimento e aplicação das medicinas Natural e Espiritual;
 - . Estado de presença;
 - . Busca de equilíbrio.

O espetáculo vai circular por todo o Brasil numa Maloca-Teatro. Esta Maloca será nosso palco e nossa morada. Com o auxílio de um ou dois ônibus transportaremos a base da Maloca-Teatro, o cenário e a trupe de artistas. Ao chegarmos nas tribos, vilas, cidades e lugarejos brasileiros, construiremos nossa Maloca-Teatro num lugar apropriado, utilizando material local para complementar nosso aparato cênico e de vivenda, e chamaremos o público através das bocas de ferro (megafones) e de pequenas caminhadas artísticas. Assim, com independência poderemos percorrer o Brasil, recriar e divulgar uma das fontes mais preciosas da sabedoria popular.

Incidiremos como raios de luz do Sol Nascente a fecundar o solo, o ar e o fogo da América, Terra-Mãe.

Frutos originais estão à vista.

Justificativa

Por que fazer uma montagem teatral com atores índios e a respeito do Homem em relação à Natureza e seus Mitos, no Brasil?

Poderá tal evento contribuir para uma nova conformação dos povos indígenas e não indígenas no cenário brasileiro?

Não constituiria tal iniciativa mais um folclorismo da cultura indígena, raramente bem representada no universo do "homem branco"?

Na tentativa de responder a tais indagações, gostaríamos de apresentar uma reflexão relacionando a questão indígena com a democracia.

Não acreditamos, nos dias de hoje, na possibilidade da construção de uma ordem social justa e democrática capaz de agregar uma suposta cidadania brasileira quando, paralelamente, é colocado de escambo o patrimônio físico e cultural dos povos originais do país.

Ao contrário, queremos propor que o índio passe a constituir-se em um dos paradigmas fundamentais no processo de construção da democracia brasileira. Democracia que deverá, necessariamente, fundamentar-se em referenciais éticos e humanísticos, tantas vezes esquecidos quando se busca freneticamente uma modernidade que jamais será encontrada se, antes, não for construída. É

urgente e necessário que os índios se tornem atores na cena brasileira; que a sabedoria dos mais antigos habitantes deste solo se realize em palavra e ação. São considerações como estas que orientam nossa iniciativa, um pequeno ato que objetiva demonstrar possibilidades de aliar gestos e rituais, congraçar formas e ideias. Um trabalho que recrie a múltipla realidade do universo indígena, conscientizando, sensibilizando e marcando uma posição política, ética e estética sobre sua história e existência.

Acreditamos ser possível trazer ao mundo dos "brancos" a noção de que sua própria salvação se condiciona ao entendimento do outro que, diferente, é na realidade a nossa recíproca e complementar. É imprescindível à democracia brasileira e aos povos do mundo toda a introjeção desta consciência, de tal forma que proporcione a necessária mudança de comportamento e mentalidade, ou seja, a construção de seu novo modelo civilizatório.

As informações existentes sobre a história dos povos indígenas, largamente divulgadas pela imprensa ou mesmo através dos mais renomados autores de livros didáticos, chegam às grandes massas populacionais sem retratarem com fidelidade a real existência (ou coexistência) dos nossos povos. Não retratam com fidelidade porque são, quase sempre, histórias políticas contadas por pseudo conquistadores. São histórias montadas sem que todos os personagens sejam ativos, porque uma parte deles, no passado a grande maioria, expressava, e apesar de tudo, ainda se expressa, não através da pena e do papel, mas através da sua dança, da sua arte, das suas tradições e mitos.

É pensando neste outro lado da história que surge o nosso sonho de, através dessa nossa linguagem, mostrar ao mundo o que estes cinco séculos de "descoberta" representam para nosso povo. 500 anos de luta, de resistência contra uma invasão territorial e, principalmente, contra uma tentativa de sufocamento cultural.

A circulação de uma Maloca-Teatro levando um espetáculo de Teatro-Dança Nativo vem preencher uma lacuna de formação e informação histórico-cultural a nível nacional. E o fato de poder ir de encontro ao público popular, que não tem como chegar às grandes cidades e nos teatros convencionais, o espetáculo e a trupe garantem uma ampla difusão da sabedoria indígena e, especialmente, promovem uma troca bastante profunda através do contato direto do público com as manifestações nativas e convivência próxima e prolongada com a trupe de artistas-índios.

Outro fator de grande importância é que a formação e circulação de um grupo de Teatro-Dança Nativo cumprirá um papel de integração e intercâmbio intertribal, não só entre as pessoas envolvidas diretamente na criação do "PURUTUIA", mas também entre as tribos e vilas indígenas visitadas pela Maloca-Teatro.

Projeto

Estamos partindo do princípio que um dos ensinamentos mais importantes que a cultura indígena tem a nos transmitir é de que o tempo natural é companheiro inseparável da harmonia que reina sobre as ações e os grupos. Assim, sem pressa, vimos reunindo, primeiro a equipe de criação do roteiro, depois a equipe

de promoção do evento. No momento estamos formando a equipe de criação e a de produção e simultaneamente iniciando os contatos com entidades que possam apoiar os projetos tanto do ponto de vista político e organizacional (Organizações ligadas ao Movimento Indígena, à Antropologia à Cultura e ao Teatro) quanto do ponto de vista financeiro, seja a nível nacional ou internacional. Existem também estudos encaminhados sobre cenário, formação do grupo e locomoção do espetáculo e trupe.

No seguinte momento as equipes de direção e produção do espetáculo partem para algumas visitas a tribos indígenas e vilarejos com alta densidade de população indígena com o intuito de enriquecer e manter mais vivo o espírito tribal durante o processo de trabalho, bem como iniciaremos a escolha do elenco a partir da indicação de organizações indígenas, definiremos como será a Maloca-Teatro, o cenário mais adequado a viagens e montagem pelo próprio grupo, bem como as condições para alojamento e transporte da trupe de artistas e técnicos do espetáculo. Nossa previsão é criar uma estrutura de material leve e de alta tecnologia, provavelmente metálico, de fácil manipulação pelos membros do grupo, que servirá de alojamento e cenário, passível de ser transportada num ônibus que será especialmente preparado para transportar trupe e material das apresentações. As equipes de criação e de produção estarão definidas e iniciando os trabalhos.

Os ensaios serão realizados em região a ser definida em conjunto com a trupe, as organizações indígenas e as equipes de criação e produção. Nossos primeiros estudos nos indicam como mais adequadas as regiões Norte e Centro-Oeste. O processo de ensaios está previsto para durar três meses. Deveremos encontrar um local adequado para alojar toda a trupe (elenco, equipes de criação e produção) e que propicie uma recriação bastante próxima das condições de uma aldeia, cercado pela Natureza e com área suficiente para o desenrolar dos trabalhos de criação e manutenção da equipe. Paralelamente, e em estreito contato com a direção e a trupe, a equipe de criação da Maloca-Teatro, do cenário e preparação do ônibus estará realizando seu projeto, de preferência próximo ao local dos ensaios. A equipe de produção destacará uma comissão de frente que fará a agenda de viagens para as apresentações de PURUTUIA. Estando pronto o espetáculo, o cenário e o ônibus, a Maloca-Teatro circulará três meses pelo Brasil, como fase inicial de experiência e adaptação. O espetáculo PURUTUIA será apresentado em cidades, vilarejos e aldeias indígenas, buscando cumprir um circuito que responda às necessidades culturais do país e que seja economicamente racional. Estes três meses iniciais serão também importantes para que a trupe aprenda a lidar com os aspectos técnicos de um espetáculo itinerante como: condução do ônibus, equacionamento das condições de viagem, escolha do local ideal para montagem da Maloca-Teatro, divulgação do espetáculo na localidade escolhida, contato com instituições, imprensa, autoridades, artistas e lideranças de cada região, treinamento de membros do grupo para suprirem de maneira autossuficiente as necessidades técnicas de apresentação do espetáculo bem como montagem e desmontagem da Maloca-Teatro e cenário, e provisão de condições de alojamento e alimentação para os membros da equipe.

Durante todo o processo de trabalho e apresentações contaremos com uma assessoria para assuntos indígenas e o apoio de entidades indígenas que

respondam pela organização interna do grupo, respeito à liderança e rodízio dos membros dos grupos, especialmente os mais velhos.

Roteiro

O mundo não estaria em guerra se tivéssemos aprendido que, apesar de sermos de povos diferentes - Kopénoti - somos todos filhos do mesmo Planeta, compartilhando com o céu, a terra, as águas, as plantas e os animais; somos iguais - Poinu Uti.

Irmãos da Natureza, temos mãos como as folhas da mandioca, cabelos como os da espiga de milho, cabeça como a cabaça, sangue correndo como rios em nossos corpos - Boinu Hikó.

Bem lá no fundo de cada um de nós - Uuti - existe um sentimento que nos liga a todos os outros homens e que pode nos reconduzir à harmonia com todas as forças naturais, visíveis e invisíveis. Saímos de dentro da Grande Pedra, quebrada pelos macacos que nos ouviram gritando lá no escuro. Agora estamos espalhados por todas as terras. Nós dançamos para que os espíritos que nos criaram não se zanguem e evitem as guerras, as doenças e a morte.

Depois...

Eu estou comendo agora.

Eu estou cantando agora.

Eu estou plantando agora

Eu estou andando agora.

O futuro é amanhã, no máximo.

E assim, aprendemos a ser satisfeitos, a controlar as palavras e emoções, pois escutamos todos os ensinamentos de pessoas mais velhas para mais novas - Ehikáchoti.

Os mais velhos nos revelam, agora - Kóohene - que o ritual de passagem é novo: conviver, encontrar e transmutar com o mundo dos Purutuiyé - Pessoas Estranhas - e perceber que hoje estamos bem perto de formarmos uma tribo só em toda a Terra.

OBS: As palavras indígenas são da língua Terena.

Os mitos são referenciados na cultura Nambiquara.

O roteiro poderá sofrer modificações conforme o desenrolar dos trabalhos de criação.

PURUTUIA

Teatro-Dança Nativo

Cenas

I. Kopénoti - Nós somos diferentes.

Cenas que mostram que cada tribo de índios tem língua, costumes, cultura e rituais próprios, Xavante, Terena, Nambiquara, Karajá, etc.

Um grupo de índios espera o sinal do encontro. Alguns em sua vida cotidiana, outros extremamente ornamentados. Percebe-se pelos enfeites, língua e pinturas que são de várias tribos.

A Grande Ave aparece.

Silêncio curto.

Gritos.

Um outro grupo de índios, pequeno, vem com grande estardalhaço.

O alimento é doado.

A Irmã Grande também dá seu sinal.

Zumbido geral.

Os três grandes líderes chegam.

Movimento de corpos e celebração.

Um grande encontro.

2. Boinú Hicó - Nossos irmãos.

As árvores, os rios e os animais - a Irmã-Grande Natureza - nos ensinam a conviver, comer e andar no mato. Cenas cotidianas.

A Irmã-Grande se multiplica e pede ao grupo que a fertilize.

A terra e a plantação.

A terra e a colheita.

O grupo se reproduz com cenas de alimentação (frutos, raízes medicinais).

As mulheres amamentam.

As crianças buscam frutos.

Os homens pedem licença e plantam.

Os guerreiros partem.

3. Poinu Uti - Nós somos iguais

Todos os povos indígenas têm o mesmo meio de viver. Festas, rituais, casamento.

Satisfeitos muitos descansam.

Outros preparam a festa com grandes cestos e muita farinha e frutos, observados por

Alguns animais.

Cantando e se embalando as mulheres pilam, outras mastigam.

Os homens provêm o calor.

Os guerreiros chegam.

A festa está preparada.

O Tuxaua prepara o ritual.

Uma índia seguida de um grupo de meninas, soando um agudo, em ritmo acelerado,

desponta num canto da cena.

Os homens escondidos.
As mulheres em gritaria.
A noiva forte, com olho e ouvido atentos.
Ela é a onça.
O som masculino chega ao auge.
Silêncio.
A noiva-onça descobre o esconderijo.
Carrega o noivo, quase nu, perseguida pelos homens imitando animais.
Encontra o Tuxaua, o som fica de fundo.
Deitados os noivos.
O Tuxaua realiza a união dos sexos.
A barriga dela cresce na hora e o bebê nasce.
O novo ser das nações indígenas agora unidas. Símbolo.

4. Uuti- Nós somos

Os mitos de criação, as lendas e os ensinamentos que nos tornam seres plenos e integrados, ligados à Terra e aos antepassados.

Enquanto o bebê cresce, um Tuxaua, das casas dos homens, conta para toda a aldeia o mito da criação e origem do Homem.

Enquanto escutam, homens, mulheres e crianças vão representando a história utilizando

seus corpos, tigelas, pedaços de pau e armas.

5. Hiokená - Nossa dança

Alguns passos de um novo ritual, fruto do contato de várias culturas.

Enquanto dormem, sonham.

As águas.

Os raios.

As montanhas.

Representada pelos índios em três grupos caracterizados, desenvolve-se uma coreografia

da Natureza e os Elementos em movimento de reação.

A Terra dá sinais de sofrimento.

Um Tuxaua capta estes sinais e permanece em silêncio.

6. Kóohene - Agora

A irreverência, o despojamento, o humor e a criatividade de viver.

Manhã, sol nascendo.

Crianças iniciam o jogo.

Uma dupla de meninos tenta acordar seus amigos.

Todos fingem que dormem.

Por sinais sutis, a aldeia vai se comunicando e subitamente todos despertam aos pulos.

Gargalhadas e correria.

7. Ehikachoti - Ensino de pessoas mais velhas.

Aqui o ritual será o de passagem para o mundo "civilizado". O mundo já não cabe mais numa tribo.

O Tuxaua, que permaneceu sentado desde o momento do sonho, percorre agora uma a uma as famílias.

Convoca os guerreiros.

Reúne-os na casa dos homens.

As mulheres iniciam o gesto cerimonial.

As crianças observam, algumas do colo das mães ou pais, outras no terreiro.

O ritual de passagem é encabeçado pelo Tuxaua.

Passagem para o mundo além-tribo.

8. Purutuiyé - Pessoa estranha.

Silenciosamente mergulhamos no mundo dos Purutuia e os sinais sonoros nos penetram.

Consumada a união, os guerreiros passam ao novo estágio de vida.

Conhecer o mundo civilizado.

Através do simples andar em silêncio e observar.

FIM